

NOSSOS CLÁSSICOS

ÉLISÉE RECLUS

(1830-1905)

A Nova Orleans de Élisée Reclus e as contradições da “América”

Neste número GEOgraphia retorna a um de nossos maiores clássicos, Élisée Reclus, que já teve aqui, no nosso segundo número, a tradução de “O Renascimento”, capítulo XI do volume 4 de “A Terra e o Homem”, apresentado na ocasião por Ruy Moreira. Esta segunda tradução, de “Fragmento de uma Viagem a Nova Orleans”, nos pareceu bastante oportuna após a tragédia do furacão Katrina que se abateu sobre Nova Orleans no final de agosto de 2005.

O artigo “Fragmento de uma Viagem a Nova Orleans” nos traz inúmeros pontos para reflexão. Publicado originalmente em 1860 (Hiernaux-Nicolas [1999] acusa publicação anterior, de 1855), quando Reclus era ainda um jovem de 25 anos, logo após sua chegada aos Estados Unidos, vindo de Liverpool, demonstra toda a sua admiração e ao mesmo tempo estranheza e senso crítico diante de uma realidade tão distinta e de contradições tão agudas em relação àquela que ele havia deixado no Velho Mundo. Como poderemos ver através destes comentários introdutórios, muitas destas contradições, por incrível que pareça, ainda permanecem bastante nítidas em nossos dias.

Depois de ter estudado Geografia por menos de um ano em Berlim, onde foi aluno de Carl Ritter, de ter se exilado em Londres e se tornado trabalhador numa fazenda agrícola irlandesa, Reclus resolveu realizar seu sonho de “descobrir” a América, já inspirado pela vontade de desenvolver uma vida alternativa, em moldes anarquistas, em alguma região tropical do Novo Mundo.

Com seu espírito aventureiro e desbravador, buscando conhecer novas terras também para conhecer e fazer outras “geografias” – valorizando sempre, muito, o trabalho de campo¹ – Reclus tenta partir de Liverpool, na Inglaterra, para Nova York, mas acaba só conseguindo embarcar para Nova Orleans, no sul dos Estados Unidos, trabalhando como cozinheiro em um navio (Chardak, 1997). Em Nova Orleans ele irá permanecer cerca de dois anos e meio, trabalhando inicialmente como carregador no porto e posteriormente tornando-se preceptor de três filhas de um grande fazendeiro escravista, com quem passou a residir.

Aborrecido com a “prisão” que o ofício de preceptor lhe impunha, contrário ao escravismo defendido pelo fazendeiro e ainda com o agravante da paixão de uma de suas filhas (segundo Giblin a questão era “como desposar a filha de um fazendeiro e desejar o fim da escravidão”, mas na verdade o que ele mais prezava, então, era a sua liberdade), Reclus resolve realizar seu sonho de conhecer e viver nos trópicos. Pressionado pelo fazendeiro para que se casasse, ele resolve abandonar a fazenda e partir o mais rapidamente para a Colômbia – então Nova Granada – entre 1855 e 1856.

Começa aí a grande empreitada – fracassada – de formar uma comunidade alternativa nos trópicos. Reclus acabará cerca de um ano depois retornando à França para uma vida política e intelectualmente engajada que o levará à Comuna de Paris, em 1870, à prisão e novamente ao exílio, primeiro na Suíça e, depois, em sua última década de vida (de 1894 a 1905), na Bélgica, como professor da Universidade Nova de Bruxelas.

Em meio às suas tantas viagens, Reclus ainda voltará à América – do Norte, em 1889 e 1891 (nordeste dos Estados Unidos e leste do Canadá), e do Sul, em 1893 (ocasião em que visita o Brasil, o Uruguai, a Argentina e o Chile). Esta viagem à América do Sul praticamente coincidirá com o término dos dois últimos dos 19 volumes de sua maior obra, a Nova Geografia Universal, completada em 1893 com o volume “A Amazônia e o Prata”.

Durante sua estadia em Nova Orleans, apesar de não conseguir o tempo livre que almejava, Reclus ainda assim consegue realizar uma grande viagem: sobe o rio Mississipi, conhece o lago Michigan e visita Chicago. Mas é junto ao Sul escravista e às suas contradições que ele permanecerá mais ligado. Uma dessas grandes contradições é a que envolve a religião, e que coloca definitivamente em xeque a já titubeante religiosidade de Reclus.

Segundo Beatrice Giblin (1998[1982]), uma das principais geógrafas estudiosas de

¹. “... ver a Terra é, para mim, estudá-la; o único estudo verdadeiramente sério que eu faço é o da geografia, e creio que vale muito mais observar a própria natureza do que imaginá-la do fundo do seu gabinete. Nenhuma descrição, por mais bela que seja, pode ser verdadeira, pois ela não pode reproduzir a vida da paisagem, o fluir da água, a vibração das folhagens, o canto dos pássaros, o perfume das flores, as formas mutantes das nuvens; pelo contrário, é preciso ver”. (Reclus, apud Giblin, 1998:21).

Reclus, é durante sua estadia nos Estados Unidos que ele rompe com o protestantismo, herança forte de uma família intensamente ligada à religião:

... ele já havia decidido não ser pastor, recusando servir de guia de rebanho, mas ainda permaneceu crente. Quando esteve na Inglaterra, o espetáculo da hipocrisia do clero presbiteriano havia contribuído para desenvolver seus sentimentos anti-clericais. Mas foi na América que ele alcançou o ateísmo. (Giblin, 1998:18-19)

Sua revolta contra a Igreja e o clero fica evidente no artigo aqui reproduzido, especialmente quando descreve o interesse “pecuniário” e o proselitismo dos pastores protestantes norte-americanos. Num discurso, 150 anos depois ainda atual, ele afirmava que qualquer um que tivesse “voz forte”, que tivesse tido “sucesso nos salões”, com um “zelo religioso verdadeiro ou suposto”, poderia virar sacerdote, a Igreja tornando-se seu “abrigo”, “capital” e “fundo de comércio” que, se não lhe fornecesse o suficiente, podia ser vendida, demolida ou queimada, o sacerdote podendo decretar falência e mudar de seita.

Mas o que mais atinge e abala Reclus é a ligação, demasiado evidente, entre os fundamentos religiosos e a escravidão, uma legitimando a outra. O relato feito pelo autor sobre o mercado de escravos em Nova Orleans deixa muito clara sua condenação à verdadeira barbárie humana que ali se desenhava: crianças praticamente arrancadas do colo das mães para serem vendidas, idosos aos quais era negada “a mais vil, a mais miserável das vaidades, a de ser vendido bem caro” – cedidos por alguns dólares, e que ao final só serviam para “ser enterrados como animais” junto aos ciprestes.

Um dos aspectos mais interessantes e atuais desse artigo, e que dá início aos comentários sobre a cidade de Nova Orleans, faz referência ao sítio urbano, popularmente associado, de forma exagerada, a “uma balsa levada pelas águas do rio” Mississippi. Segundo Reclus, “a menor chuva é suficiente para inundar as ruas, e quando uma tromba d’água se abate sobre a cidade, todas as avenidas e praças se transformam em rios e lagunas”. É aí então que “máquinas a vapor funcionam quase sem descanso para liberar Nova Orleans de suas águas estagnadas e vertê-las, por meio de um canal, no lago Pontchartrain, quatro milhas ao norte do rio”.

As margens do Mississippi, represadas por diques, são mais elevadas do que as áreas ribeirinhas, e “durante a estiagem as águas não têm mais do que um declive de apenas cerca de dez centímetros sobre um curso total de cento e oitenta quilômetros, da cidade ao golfo do México” – percebendo-se o imenso dilema para um rápido escoamento das águas. Os solos úmidos e turfosos já faziam com que muitos prédios cedessem, como no caso, descrito por Reclus, do novo prédio da alfândega, com pilotis de granito afundando sob o solo.

Os efeitos do furacão Katrina, em 2005, de certa forma já eram previstos desde a origem da cidade e sua conformação, dependente de diques que, apesar dos reforços

permanentes a que eram submetidos, sempre representaram um desafio diante da intensidade e imprevisibilidade dos furacões do Golfo do México. Na época em que Reclus viveu na cidade alguns desses diques eram construídos com tábuas e os depósitos de areia e argila trazidos pelo rio durante as cheias eram logo aproveitados para novas construções, agravando a precariedade da ocupação humana.

Concebida para acolher os 600 mil habitantes que alcançou no seu apogeu, quando abalada pelo Katrina Nova Orleans, com 462 mil pessoas, já sofria um processo de esvaziamento, especialmente de suas classes médias, brancas, que se deslocavam para localidades periféricas. Permaneceu como maioria em seus bairros, muitos deles sujeitos a freqüentes inundações, a população pobre (27,4% da população vivia abaixo do nível de pobreza no ano 2000) e predominantemente negra (67% da população total em 2000), selando assim um apartheid social que ficou muito visível quando da evacuação da cidade. Hoje, início de 2006, Nova Orleans conta com apenas 144 mil habitantes, segundo estimativas da municipalidade, população que, presume-se, deverá alcançar tão somente 247 mil em setembro de 2008.

Tendo cerca de 80% de sua área inundada após o Katrina, Nova Orleans sofreu um dos mais devastadores processos de desterritorialização da história americana. Neste processo de retirada ficou visível o efeito da pobreza e da segregação racial que remontam aos períodos da escravidão e do racismo que tanto marcaram o Sul dos Estados Unidos – enquanto a maioria da população branca deixava a cidade em seus automóveis, congestionando as rodovias, a maioria da população, pobre e negra, sem automóveis, era obrigada a se sujeitar a condições humilhantes de “abrigo” junto ao grande estádio da cidade, o Superdome. Apenas 15% das residências da população branca não possuíam carro, percentual que subia para 35% entre a população negra. A localização das moradias em relação ao nível do mar parecia diretamente proporcional ao nível de pobreza: tanto mais pobres, mais baixo o terreno (como ocorria na área pobre de Ninth Ward, a mais baixa da cidade).

A herança francesa, sintetizada num dos bairros históricos da cidade – e a respeito da qual Reclus já indicava a sua redução (embora mencionasse o bairro francês como “o mais elegante da cidade”), a enorme riqueza cultural – especialmente na música (terra do jazz, ainda ausente nos tempos de Reclus) e a relativa miscigenação – terra de “créoles” e “cajuns” (descendentes de franceses), são marcas de Nova Orleans que, após os efeitos do Katrina, correm o risco de sofrer alterações sem volta.

Teme-se que a característica como uma das cidades mais miscigenadas do país, que já vinha sendo alterada com a migração recente, fique ainda mais abalada. A população branca, já em forte diminuição, deve decrescer ainda mais, pois é aquela que tem maiores condições de mudar para áreas mais seguras. Ao lado dos negros, no entanto, estima-se que esteja ocorrendo um aumento substancial da população “latina”, que em 2000 correspondia a apenas 3% da população total, atraída agora pelo emprego fácil, especialmente nos projetos de reconstrução, e que se sujeita a viver em condições habitacionais muito precárias. Provavelmente a “nova” Nova Orleans pós-Katrina

esteja muito mais próxima da média das cidades norte-americanas contemporâneas, com suas evidentes contradições étnicas e de classe.

Como afirmou um repórter do jornal *The Washington Post*:

A comissão de reconstrução propõe construir uma cidade com muitos espaços verdes, um novo bonde, escolas modernas e centros de pesquisa médica de nível internacional, tudo protegido por diques invencíveis. Será provavelmente um lugar agradável para se viver, mas com certeza não a nossa boa velha Nova Orleans.

“Boa velha Nova Orleans” em termos, pois ao lado da grande riqueza cultural da cidade tínhamos as enormes contradições expostas visceralmente durante a evacuação provocada pelo Katrina. Reclus, em plena metade do século XIX, já destacava alguns dos problemas que permaneceriam até hoje como características da cidade, como a suscetibilidade às inundações, a pobreza, a exploração religiosa e a criminalidade. Abolida a escravidão, restou a enorme e aparentemente insuperável segregação em relação à população afro-descendente.

Por trás de tudo isto, no entanto, como já fora enfatizado por Reclus na conclusão de seu artigo, encontra-se a velha questão da desigualdade e o intenso e móvel jogo capitalista que a preserva e alimenta:

Homens e coisas, tudo muda, tudo se desloca nos Estados Unidos com uma rapidez inconcebível para nós que estamos habituados a seguir sempre uma longa rotina. (...) Na América (...) nenhuma superstição se liga ao passado nem ao solo natal, e as populações sempre móveis (...) distribui-se sob a influência única das leis econômicas; na jovem e crescente República, contam-se já muitas ruínas como nos nossos velhos impérios (...). Para a massa, todos os sentimentos confundem-se cada vez mais com o interesse pecuniário (...).

Evidenciando seu caráter profundamente libertário e universalista, que já antecipava na segunda metade do século XIX os ideais dos atuais grupos de resistência “por uma outra globalização”, Reclus conclui que, por trás do “interesse pecuniário”, contudo, restam, segundo ele, os poucos “homens de coração” para os quais “não há outra pátria senão a liberdade”.

Rogério Haesbaert

Obras consultadas:

Textos de Élisée Reclus:

L'Homme et la Terre. 1998 (1982) Introdução e escolha de textos por Béatrice Giblin. Paris: La Découverte.

Coletâneas:

Andrade, M. C. (org.) 1985. *Élisée Reclus (col. Grandes Cientistas Sociais)*. São Paulo: Ática.

Cornuault, J. (org.) 2002. *Élisée Reclus: Du sentiment de la Nature dans les sociétés modernes et autres textes*. Charenton: Premières Pierres.

Hiernaux-Nicolás, D. (org.) 1999. *La Geografía como Metáfora de la Libertad: textos de Élisée Reclus*. México: Plaza y Valdes.

Trabalhos sobre Élisée Reclus:

Chardak, H. 1997. *Élisée Reclus: L'homme qui aimait la Terre*. Paris: Stock.

Dunbar, G. 1978. *Élisée Reclus: Historian of Nature*. Hamden: Archon Books.

_____. 1989. Elísée Reclus, geógrafo y anarquista. In: Breitbart, M. (org.) *Anarquismo y Geografía*. Barcelona: Oikos Tau.

Mosquete, M. T. 1983. *Eliseo Reclus: La Geografía de um Anarquista*. Barcelona: Amélia Romero.

Sarrazin, H. 1985. *Élisée Reclus ou la Passion du Monde*. Paris: La Découverte.